Realidade e Ficção: Análise de Conteúdo de A Liga[1]

Emerson GARCIA[2]
Alexandre KIELING[3]
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Análise de Conteúdo da primeira temporada do programa *A Liga*, veiculada pela rede Bandeirantes de Televisão (BAND) durante os meses de maio a dezembro de 2011. A atração anuncia-se como um programa jornalístico, com quatro repórteres e um tema a cada semana. Aparece como um gênero que contém humor, ficção e jornalismo, um hibridismo televisivo, com características do jornalismo, objetividade, investigação e caráter público, e do lúdico e ficcional. Por ser um programa de uma rede de televisão, com o intuito de gerar audiências, *A Liga* se configura como entretenimento que tem como referências as teorias e práxis do jornalismo investigativo e dos gêneros narrativos de televisão. Os episódios *Milionários, Mudanças Climáticas e Prostituição* foram analisados a fim de perceber como a realidade e a ficção aparecem.

Palavras-chave: Reportagem na TV; Realidade e Ficção; Hibridismo Televisivo.

Introdução

A reportagem é o suprassumo de canais televisivos, e na tentativa de ser um produto comercial, possui distinção e pode garantir credibilidade. Esta é alcançada pelo canal que for mais fiel ao tema.

Na TV, por exemplo, observam-se programas jornalísticos de grandes reportagens dedicados a investigar temas nas suas diversas perspectivas. O *Globo Repórter*, veiculado na TV Globo, é um exemplo. No ar desde 1973, o programa surgiu da necessidade de abordar acontecimentos nacionais e internacionais com maior profundidade.

A marca desse jornalismo investigativo, de fôlego das grandes reportagens na TV, com o tempo incorporou uma imagem de prática jornalística pautada tão somente pela justiça e pelo interesse público. Esse deslocamento permitiu a associação com o jornalismo público. Isto é, as matérias podem ser de interesse do público e auxiliarem na solução de problemas sociais. Para Luiz Silva, é possível perceber quando a imprensa está ligada ao jornalismo público, quando não:

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Graduado pelo Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UCB, email: emersongaffonso@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social- Jornalismo e diretor do Mestrado da UCB, email: askieling@gmail.com

> A imprensa exerce a sua mediação dos fatos a partir do social e para o social, mas isso não significa que ela seja inteiramente permeável ao social. Ao contrário, somente quando o social se reverte em fato noticioso é que estará presente na imprensa. (SILVA, 2002, p. 52)

Com a diluição de audiência da TV aberta, somada a uma tendência do público em consumir narrativas de humor (entretenimento), as emissoras começaram a trabalhar com maior intensidade os programas híbridos que misturam jornalismo, humor e ficção. Cada vez mais atores e comediantes passaram a fazer parte do *casting* de produtos chamados de jornalísticos. Essa perspectiva, à primeira vista, rompe com os preceitos de Fortes sobre jornalismo, especialmente os investigativos.

Risco que correm programas como *A Liga*, apresentado todas às terças-feiras, às 22h30min na Rede Bandeirantes (Band), definido a priori, como jornalístico que traz, a cada semana, possíveis temas de interesse social.

A Liga, foi criado pela *Eyeworks-Cuatro Cabezas*, empresa argentina, e já foi sucesso na Espanha, Chile e Argentina. No ano de 2010, a atração ganhou o prêmio do *New York Festival* de melhor reportagem investigativa; além do *Prêmio Martin Fierro de Jornalismo*, o mais prestigiado da Argentina. No Brasil, *A Liga* obteu bons índices de audiência na primeira temporada[4].

A Liga, em relação às outras atrações de mesmo gênero, tende a apresentar como diferencial o tratamento de uma temática, a partir de diversos olhares diferentes. Na verdade, são os olhares dos próprios apresentadores. Cada um deles fazem crer investigar uma perspectiva do tema, que pode configurar diversas realidades e, possivelmente, contradições de um mesmo fato.

Outra característica destacada pela atração, seguindo a tendência de autopromoção, seria a possibilidade de interferir e vivenciar a vida dos protagonistas do tema. Uma sugestão de experiência de campo, nos moldes das pesquisas sociais. O diretor Diego Barredo, em uma reportagem de Gustavo Villas Boas, veiculada pela *Folha Ilustrada* (VILLAS BOAS, 2010) no mês de maio de 2010, diz que os repórteres de *A Liga*, além de possuir um compromisso formal com a informação, podem demonstrar intensidade com o tema abordado a cada semana.

[4] A emissora ocupou a terceira posição do Ibope, com um ponto a menos que a Record, ao apresentar o episódio *Prostituição*, exibido no dia 15 de junho de 2010, de acordo com o site *Na Telinha*, do portal *Uol*. *A Liga* permanece na grade da programação em 2013.

Seguindo a perspectiva dos produtores, o programa ainda se aproximaria das referências do jornalismo público, na medida em que trata de temas relevantes para a sociedade e por imaginar possuir um compromisso com a cidadania.

Desta maneira, a problemática que se coloca no caso de *A Liga*, e sobre a qual esse artigo averiguará, é se este novo formato de programa efetivamente respeita os desígnios do que se poderia entender como legítimo programa jornalístico. Ou, ao contrário, trata-se de um produto da indústria do entretenimento que usa os referentes do jornalismo para ampliar sua audiência. Ou seja, trata-se apenas de mais um show televisual.

1 Reportagem Investigativa na TV

Em certo sentido, a grife do jornalismo investigativo configura hoje um tipo de especialização dentro da profissão que abriga seus praticantes num patamar de "elite profissional". Paralelamente, constituiu-se também um formato de narrativa com algumas características usuais, recorrentes. Em uma reportagem, o tempo de apuração é maior, assemelhando-se ao trabalho de investigação policial. Checar e rechecar tornam-se, portanto, atividades primordiais: "O resultado final de uma reportagem [...] é fruto da apuração de um fato pelo repórter a partir de fontes diversas, documentais ou pessoais" (FORTES, 2005). Em *A Liga* o trabalho investigativo poderia ser verificado, a priori, através de entrevistas realizadas com um amplo número de fontes, de forma a parecer profunda e talvez sem reservas e com possível respeito aos entrevistados.

Esse esforço por um contorno distintivo faz Fortes encontrar um método do jornalismo investigativo, no qual relaciona 16 procedimentos na prática profissional:

a) pesquisa do repórter – demonstração de curiosidade, fuga das fontes oficiais e descoberta da melhor maneira de chegar à notícia;

b) paciência e concentração- investigação demorada e detalhada com dados estatísticos;

c) insistência e perseverança- busca dos diversos lados da informação;

d) atenção especial- intuição de como utilizar as informações coletadas;

e) entrevistas- informações, contrapontos, críticas, pistas e contradições;

f) conhecimento policial básico - entender de investigação, seleção de pistas, análise de provas;

g) curiosidade e desconfiança;

h) discrição;

i) checar- sanar dúvidas e verificar a informação;

j) investigar a fundo, libertando-se de preconceitos;

k) arquivos bem organizados;

l) frieza, objetividade e precisão;

m) lealdade ao leitor;

n) coragem e responsabilidade;

o) respeito às fontes;

p) clareza e simplicidade.

Kovach e Rosenstiel (2005) anotam que a reportagem investigativa televisiva consegue obter as mesmas funções de um documentário. Eles também a conceituam como um formato transmidíatico da revista, já que é nela que se obtêm amplo aprofundamento do tema. Dessa maneira, na reportagem na TV, o trabalho investigativo é mais denso, assim como a reunião de dados documentados. De certo modo, o empenho nesse subgênero jornalístico é requintado no que diz respeito à estética de imagem. A captação de quadros e cenas são mais elaborados. Por último, a parte de edição é vista com maior atenção. É importante salientar também que a reportagem televisiva é basicamente imagens, intercaladas com texto, de modo a chamar a atenção do público.

No que tange a edição de reportagens, o jornalista deve ter imaginação, o que Lage (2001) chama de *insight*, para compor uma reportagem criativa, munindo-se de documentos icônicos e sonoros (efeitos visuais, especiais, infográficos, ilustrações, textos em *offs*, entre outros) para dar corpo e sentido à mesma. A reportagem na TV equipara-se ao cinema e ao teatro, onde temos narração e também improvisações.

2 Realidade e Ficção

Martín-Barbero (2002) nos faz perceber que a televisão ainda vive um conflito de natureza, de origem. É uma mídia que resulta de uma concessão pública e cujo fim é preservar o interesse público, sobretudo os valores culturais e de cidadania, mas, em revanche, depende da audiência para assegurar sua sustentabilidade. Nem sempre a preferência do público anima-se por esses valores dando preferência ao entretenimento que por vezes, privilegia menor atenção às questões mais nobres.

Esse permanente paradoxo da TV é que tem estimulado a hidridização de gêneros. Sodré (2009) diz que na televisão existe a dificuldade de separar ficção de realidade, dependendo do perfil narrativo adotado, e que a manipulação da realidade é cada vez mais presente.

Partindo dos conceitos de jornalismo investigativo e público, é preciso compreender que existe uma linha tênue entre o jornalista agir com liberdade e ser influenciado pelo sistema produtivo, que interfere veementemente na cobertura de fatos. Sodré nos lembra que o jornalista trabalha em uma empresa e deve seguir os seus interesses editoriais e que a capacidade própria do jornalista de narrar um fato com veracidade choca-se com a produção da ficção.

Já Lage (2001) nos fala que o envolvimento do repórter em um fato deve ser levado em consideração, pois ele é um participante ativo, onde vai constatar suas impressões da realidade, possuindo a sensibilidade. Sobre isso, ele traz dois conceitos importantes: *o repórter como testemunha* e o *repórter como agente*.

Sobre *o repórter como testemunha*, ele diz que esse tipo de repórter deve trazer pessoalidade para o público, expondo seus sentimentos e histórias. O público precisa ter conhecimento de como é viver uma realidade que não vive.

Já *o repórter como agente* ao mesmo tempo em que possui habilidades sociais conferidas pela comunicação, pode ser tendencioso, uma vez que por atuar em um meio social, leva sua bagagem cultural, religiosa e até mesmo a linha editorial que trabalha.

Sodré nos reporta que mesmo que o jornalista possua certa autonomia, o veículo pode interferir na própria experiência do repórter e forma-o em um personagem performático e sensacionalista, gerando interferência tanto na narrativa como em sua vivência.

A televisão, portanto, é um produto, que serve mais para atrair o público pelo entretenimento e performances[5], do que gerar reflexão. Sodré pensa a televisão como um espaço que privilegia o consumidor, onde a inovação do meio deve despertar a atenção do público:

> As pessoas estariam mais voltadas para uma orientação relativa ao consumo ou ao entretenimento do que para a factualidade de natureza político-social tradicionalmente implicada nos acontecimentos noticiosos. (SODRÉ, 2009, p. 126)

Jost (2004) nos fala de fingimento, uma estratégia que as narrativas na TV recorrem quando os referentes das suas histórias deslocam-se entre os três mundos, quais sejam: *real, ficcional e lúdico*.

[5] *Performance* é a forma de arte que combina elementos do teatro, das artes visuais e da música. Nela não há participação do público, mas tão somente do artista. (ITAÚ CULTURAL, 2011)

O primeiro mundo ao qual Jost refere-se é o *mundo real*, onde os meios audiovisuais fazem crer que os signos apresentados são um retrato fiel da realidade e remete a possibilidade de referenciá-la de forma verdadeira e sem comprometimento.

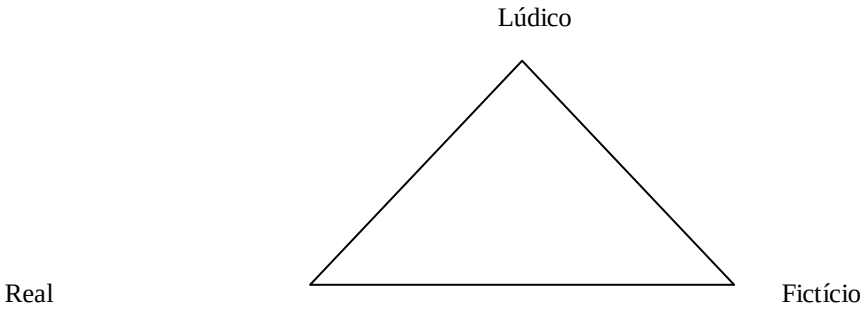
O autor diz que um produto audiovisual pode ser real por três motivos: *materiais*, como jornais e reportagens que verificam veracidade; *pessoas que são dadas como testemunhas verdadeiras de um fato*; *documentos*, como fotografias e escritos.

Sobre o *mundo ficcional*, o autor diz que a ficção remete-se a imaginação, mas sendo ancorada na realidade, pois, ele a reitera como um "faz de conta".

Por último, reporta-se ao *mundo lúdico*, como as performances realizadas na televisão com o objetivo de entretenimento. O mundo estaria ligado ora na imitação da realidade, ora, em uma perspectiva nova e inventada.

O esquema abaixo, sugerido por Jost, resume as ideias dos mundos através da migração entre eles:

Figura 1- Os três mundos de Jost



Fonte: Jost, 2004

3 Análise de Conteúdo

Estudar *A Liga* nos remete à ideia de uma Análise de Conteúdo. Segundo Bardim (2011) a análise de conteúdo é composta por aspectos técnicos que suscitam a sua validade ou não. Utiliza-se de aspectos retóricos, como as propagandas; e lógicos, como a análise de um desenvolvimento normativo e das suas regras de enunciação.

Em certo sentido, nos debruçamos sobre o objeto na condição de observador. Mas a natureza jornalística e o olhar no texto nos conduzem a um deslocamento para buscar uma compreensão do conteúdo. Mostra-se pertinente construir um aparato de análise que se

ancore nas teorias do jornalismo. Em caráter preliminar, com base nas definições de jornalismo investigativo, vamos, para efeito de análise do nosso objeto, avaliar as 16 perspectivas que definem ou referendam um projeto de investigação jornalística (*vide pág. 3 e 4*).

Recorreremos aos três mundos referentes aos macrogêneros sustentados na classificação de Jost (2004) para as narrativas e textos televisivos com vistas à compreensão de como eles aparecem na estrutura textual de *A Liga*.

Por fim, vamos debruçar nossa análise de conteúdo com base no modelo instrumental de comunicação. Esse tipo de análise irá nos permitir perceber a presença ou a ausência de elementos simbólicos, a partir da semiologia. Para efeito de testagem serão analisados: *Milionários, Mudanças climáticas e Prostituição*.

Milionários parece ser um episódio de futilidades, sem uma preocupação social, e o objetivo será justamente perceber até que ponto a escolha da pauta é interesse do público e interesse público[6].

Já o episódio *Mudanças climáticas* foi escolhido por tratar de uma pauta baseada em notícia atual, com um gancho global, além de ser um tema, pelo menos à priori, que interessa a sociedade. O objetivo será perceber como um episódio desse tipo desperta a reflexão e pode realizar alertas.

Prostituição foi eleito para contrastar com *Mudanças climáticas*, pois, embora seja talvez um tema social, não está associado a uma pauta de notícia atual e periódica. O objetivo é perceber até que ponto se mostra uma realidade e abre os olhos da população.

Figura 2 Elenco regular da primeira temporada. Da esquerda para a direita: Débora Villalba, Rafinha Bastos, Thaíde e Rosanne Mulholland

Fonte: Site *A Liga*

3.1 *Milionários*

[6] *Interesse do público*: notícias de celebridades e fofocas.
Interesse público: notícias que promovem a cidadania.

O objetivo claro de *Milionários* é mostrar ao público, de uma forma geral, como a classe de milionários tem crescido no Brasil. Contudo, mesmo com os dados crescentes, essa realidade não pode ser contemplada por todos. Desse modo, o episódio faz crer uma temática de interesse público, mas nada mais é do que interesse do público, ao qual o programa suscita a pergunta *"quer conhecer a realidade deles?"* (BAND, 2010), delegando ao público a curiosidade. Desse modo, *Milionários* é mais *fait-diver*[7], entretenimento, do que prestação de serviços.

Mesmo que a classe milionária faça parte da sociedade, ainda assim é "muito seleta", como diz na abertura do episódio, o que nos faz pensar que ela ainda exclui parcela da sociedade. Nem todos tem acesso a mansões luxuosas, iates, jóias com rubis e golfe.

As imagens da mansão luxuosa que Rafinha Bastos conheceu produziram o sentimento de sonho no público: banheiro compartido, com espaço para "senhores" e "senhoras" e uma banheira elegante em conjunto; geladeira de luxo; piscina aquecida; som ambiente em todos os cômodos; entre outros.

Futilidade é a palavra que pode definir os momentos de *Milionários*, inclusive o que Rosanne Mulholland conversa com a dona dos cachorros sobre o modo de vida deles. Tanto é que não vemos interesse público. O site *Fique de Olho* da Band delegou aos cachorros posição maior do que os humanos: "o *humano* tratamento de beleza de cachorros é mais luxuoso do que qualquer outra classe da população" (BAND, 2010, grifo do autor). Os cachorros tem um banho de rei, comparado ao de pessoas, com pétalas e essências, além de roupas, colares, jóias e patês próprios.

3.1.1 realidade e ficção em *Milionários*

a) mundo real

O mundo real pode estar ancorado na parte das entrevistas, com fontes oficiais. Desse modo, as ações dos entrevistados podem ser consideradas reais. O apartamento de Narcisa é dela, Ferreirinha é dono da Loius Vuitton, Marcela Souza é jornalista com classe e Marina, realmente, é "mãe" de três cachorros. A noite de autógrafos do livro *Ai que Absurdo* foi um evento real com a presença de convidados especiais, como jornalistas e famosos, em uma livraria real.

b) mundo ficcional

[7] "*Fait-divers* é um termo usado no jargão jornalístico para designar notícias diversas [...] aquelas notícias de catástrofes, acidentes, casos de polícia, enfim assuntos do cotidiano que despertam nossa curiosidade mórbida, mas que não necessariamente têm grande importância". (FOLHA ONLINE, 2007)

Ao mostrar a suposta realidade de milionários, os repórteres, por manter uma relação de subjetividade com os entrevistados, podem ultrapassar espaços reais, e transformá-los em espaços ficcionais, à medida que nenhum deles possui o status de milionário.

O experimento de situações inusitadas quebra com a rotina. Rafinha, ao ter aulas de como comportar-se a mesa e como ser uma pessoa com etiqueta, "faz de conta" que é um *gentleman*, contudo, ele sugeriu ser uma pessoa sem regras. Mesmo que tente utilizar talheres e copos, sabe que nada adiantará, pois, como mesmo falou acha tudo "uma frescura".

As imagens de *Milionários* são ancoradas na ficção. Mesmo que Thaíde prove um relógio de espinélio polido, sabe que não pode comprá-lo, pois seu valor é exorbitante.

A ideia de possuir objetos que não se podem comprar demonstra desejo e brilho no olhar dos apresentadores. Débora fica deslumbrada com um apartamento que não pode obter. Ora, sabe-se que o que a repórter fez foi mais um papel de alguém deslumbrado do que de uma pessoa real.

A ficção também aparece quando Thaíde joga golfe. A pessoa real Thaíde não se interessaria em jogar golfe, por ser rapper. Mas, porque o esporte pede, teve que vestir-se dessa forma.

c) mundo lúdico

Como o episódio *Milionários* serviu para despertar no público momentos de extravagâncias, os repórteres utilizaram desse fator para mesclar com o entretenimento e o humor.

A performance de Rafinha com Virgínia serviu mais para o entretenimento do público, do que para informações. Parece que as ações do apresentador são propositais, com o objetivo de provocar sorrisos, como a cena em que ele espirra e passa o cuspe na blusa e, quando, usa os talheres com o punho fechado.

Em outro momento, como já fora explicitado acima, Virgínia diz que para tomar as taças faz-se uma espécie de *"heil Hitler"* apontando a mão por cima dos copos. Rafinha, com o objetivo de provocar sorrisos no telespectador, diz em tom de medo e sarcasmo: *"Faz isso comigo não, eu sou judeu"*.

Virgínia expressa a sua opinião ao dizer que teve que dar aulas de etiqueta para uma "pessoa de cor". Em tom de ironia, o repórter pensou em uma pessoa de "cor azul", por exemplo, um *Smurph*.

Em uma loja de carros, Rafinha conversa com a vendedora e ela apresenta uma Mercedes conversível com portas e teto em automático. Com o objetivo de entreter o público, Rafinha diz que o carro é quase um *Transformers*. No trânsito, pergunta a uma motorista se ela sairia com ele em uma Mercedes. Ela diz que não.

Em um quarto de uma mansão luxuosa, Rafinha demonstra humor ao ver cubos coloridos que formavam a palavra *R-I-C-O*. Em tom de brincadeira e descontração, diz ao vendedor da casa que em sua residência também tem cubos como aquele, só que com a palavra *P-O-B-R-E*.

Ao começar a jogar golfe, Thaíde diz que fará como no desenho animado *Pica Pau* e grita como ele, demonstrando objetivo lúdico ao público.

3.2 *Mudanças Climáticas*

O episódio *Mudanças climáticas* pretendeu elencar os eventos climáticos e despertar no público o sentimento de ser o único causador deles. Por esse ângulo, o episódio mostrou um pseudo-jornalismo público, ao amparar-se em um tema social, e na prática ter uma abordagem mais de sensacionalismo do que de interesse público. Como quando a repórter Rosanne Mullolhand diz ao agricultor José, de forma alarmista, que ele era o causador das queimadas no norte do país.

3.2.1 realidade e ficção em *Mudanças Climáticas*

a) mundo real

O mundo real é baseado em imagens das tragédias e dados. Os eventos climáticos realmente aconteceram e os produtores basearam-se neles para realizar o episódio. Meteorologistas e moradores são tidos como fontes oficiais, ligadas diretamente aos fatos. Por esse motivo, os depoimentos são importantes para a construção do episódio e faz com que o público creia, pelo menos por esse motivo, em uma reportagem real.

b) mundo ficcional

Os repórteres são subjetivos, e esse sentimento pode desencadear em novas performances. Rafinha ultrapassa o *ethos jornalístico* ao abraçar um morador do Morro do Bumba, criando relação de ficção com ele. Rosanne viaja para o extremo norte do país para combater o fogo das queimadas, como brigadista. Já Thaíde vai para uma fábrica de captação de gás metano e veste-se com uniforme de frigorífico. Experimentar as situações acima nos leva a crer em apresentações dos repórteres que fogem da forma convencional.

Na apresentação do episódio, com os repórteres em estúdio, o recurso de *cromaqui* é utilizado, com a teatralização dos repórteres com figurinos, como capas de chuvas e

guarda-chuvas; criação de cenários, como desertos, sons de trovões e de chuva; além de recursos especiais como o chuvisco e a neve. Simulando uma realidade que não existe, ou seja, um "faz de conta".

A repórter Rosanne Mulloland troca várias vezes de roupa, uma hora ela está "preparada para o inverno", outra, para a praia. Débora Villalba, por sua vez, apesar de sua profissão (jornalismo) permitir que ela seja "a moça do tempo", no episódio ela finge ser meteorologista e prevê o clima de vários lugares do Brasil, de forma encenada.

c) mundo lúdico

Mesmo com uma temática forte, o episódio *Mudanças Climáticas* tem dois momentos de humor. O primeiro deles é quando Rafinha e um grupo de pessoas estão em uma rua inundada e um motoqueiro tenta ultrapassar as águas. Ele não consegue pilotar na enchente e acaba caindo da moto. As pessoas riem, inclusive Rafinha. Mais uma vez o jornalismo investigativo é posto a prova, e substituído pelo entretenimento que, como vimos até aqui, é a abordagem do episódio.

O outro momento é quando Rafinha veleja no mar com um grupo de rapazes e diz que a necessidade das pessoas não é de possuir um carro zero e, sim, um barco zero. Deixando o lado dramático de lado, por um instante, e mostrando comicidade.

3.3 *Prostituição*

Ao retratar a realidade de uma minoria, o episódio traz uma série de histórias de vidas de prostitutas, garoto de programa e travesti, com o intuito, de acordo com os idealizadores do episódio, de retirar as viseiras da população e trazer as pessoas que vivem desse ramo para a sociedade, pois, na concepção dos repórteres, eles também são seres humanos.

Contudo, o interesse público em alguns momentos pode ser confundido com o interesse do público. A direção do episódio resolveu não poupar os telespectadores da nudez, tanto feminina, masculina ou travesti, a partir da ideia que é isso que o público gostaria de ver.

3.3.1 realidade e ficção em *Prostituição*:

a) mundo real

Na coleta de fontes percebemos que todos os entrevistados são reais. Seja pelas pessoas que trabalham nesse ramo ou os clientes.

O mundo real é conferido, também, pelos locais que realmente existem, como o chamado "inferninho" em SP e a Rua Augusta, que de acordo com o mapa do sexo realizado pelo programa, encontra-se uma grande quantidade de pessoas do mundo de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (GLBT).

b) mundo ficcional

Já o mundo ficcional aparece com maior frequencia nas cenas em que Tainá Muller está caracterizada como garota de programa. Na própria concepção da repórter, a experiência de ser prostituta por uma noite a ajudou no laboratório de atriz. Ou seja, por ela fazer esse exercício, as cenas nas ruas são todas encenadas e ficcionais, apesar de sentimentos ditos "reais", como o medo, a timidez e "achar tudo maluco". Essas subjetividades, apesar de não possuírem uma forma física, são reais, contudo, na forma como apareceu no episódio é de tom ficcional.

Tainá se veste com um figurino que não é comum para a sua vida real: peruca preta, maquiagem pesada, roupa justa preta, couros, sapato alto, além de perfumes, que em sua vida pessoal ela não usaria, pois não tem a ver com a sua personalidade.

c) mundo lúdico

Quando Rafinha tira uma foto com várias travestis, vemos a intenção de provocar sorrisos no telespectador, até porque, Rafinha, que tem se notabilizado como comediante, tem como uma das suas marcas momentos de humor e protagonizar situações hilárias, como a da foto com travesti.

A comicidade também aparece quando Rafinha quer "brincar" de ser travesti e pergunta a uma das meninas *"se tem uma vaguinha"*. Ela já leva na brincadeira e diz que ele seria uma travesti bem alta e bonita.

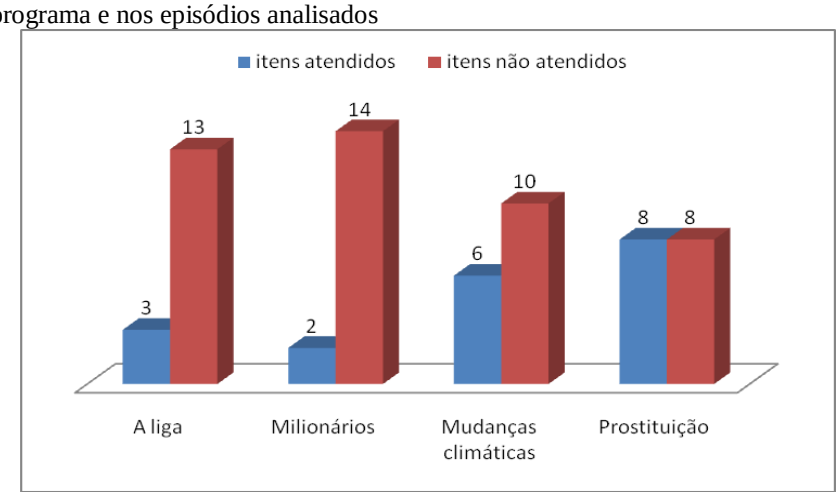
Outra cena que serve para ilustrar o mundo lúdico é quando Rafinha está na frente do "inferninho" e pergunta a um frequentador do local se ele já manteve relações sexuais com uma prostituta e o rapaz diz *"que sim, que é a mesma coisa de se fazer com mulher"*. Rafinha brinca com ele e diz que as prostitutas são mulheres.

4 Resultados

Após o exercício de análise do programa geral *A Liga* e dos três episódios da primeira temporada, o gráfico abaixo é o resultado quantitativo que mostra se *A Liga* é ou não jornalismo investigativo como se propôs a ser. Desse modo, percebemos que os três episódios e *A Liga* estão abaixo ou na média de itens atendidos. *A Liga* atendeu a 3 itens,

dos 16, são eles: *pesquisa do repórter*; *atenção especial* e *entrevistas*. Já *Milionários* a apenas 2, são eles: *pesquisa do repórter* e *entrevistas*. *Mudanças Climáticas* 6: p*esquisa do repórter*; *paciência e concentração*; *atenção especial*; *investigar a fundo, libertando-se de preconceitos*; *coragem e responsabilidade* e *clareza e simplicidade*. *Prostituição* ficou na média de itens atendidos, 8: *pesquisa do repórter*; *paciência e concentração*; *insistência e perseverança*; *atenção especial*; *entrevistas*; *curiosidade e desconfiança*; *arquivos bem organizados*; *clareza e simplicidade*.

Figura 2 O gráfico mostra os 16 pressupostos do jornalismo investigativo de Leandro Fortes e como eles são conferidos no programa e nos episódios analisados



Conclusão

A problemática central do artigo *Realidade e Ficção: Análise de Conteúdo de A Liga* foi se o programa poderia ser classificado como jornalismo investigativo de caráter público, levando em consideração que *A Liga*, de acordo com os idealistas do programa, é um entretenimento. Esse fato é conferido no site BAND: a atração está dentro da aba "entretenimento". Mesmo assim, o programa ainda insiste em passar a imagem de jornalismo investigativo, criando uma estrutura narrativa jornalística. Ou seja, a propaganda de "mostrar a realidade de dentro" e "quanto mais os olhos vêem mais eles podem enxergar", mostram um processo televisual do programa de assegurar a realidade e jornalismo investigativo.

Quando nos amparamos em teorias jornalísticas, que tem como foco o jornalista ser objetivo, ser direto em suas matérias, com o objetivo do ethos jornalístico; além de ser cauteloso e imparcial em suas reportagens investigativas; não imprimir suas subjetividades na matéria; sempre se comportar de forma realística, sem a ficção; percebemos que em *A Liga* os valores objetivos jornalísticos são relativizados. Há escancarado a opinião pessoal

do repórter, que é muito mais do que um mero pensamento, e sim, uma notabilidade de ser famoso e conhecido pelo público.

Os apresentadores tentam utilizar-se da técnica, mas muitas vezes, há uma simulação de fazer um jornalismo investigativo. Para efeito de sentido os repórteres, como percebemos na análise dos episódios, fazem crer que ao entrevistar um amplo número de fontes, estão realizando uma boa investigação. Na mesma perspectiva, quando o programa apresenta-se com *paladinos* e *heróis*, ou seja, pessoas que intitulam-se capazes em investigar situações desconhecidas pelo público e aquelas, que em um passe de mágica, limpam as viseiras da população, nada mais é que, de novo, a falsa utilização da práxis jornalística, em uma perspectiva de pseudo jornalismo-cidadão.

Quando falamos de ir a frente da objetividade, substituindo-a pela subjetividade, estamos falando de uma atração que não possui características somente do jornalismo; e sim de outras conceituações de tom ficcional, algo muito a ver com a atração ser considerada um show televisual, que quer colocar os repórteres ora em situações cômicas, ora dramáticas, ora vestidos de uma forma incomum, como se fosse um teatro "jornalístico", com falas improvisadas, encenações, entre outros.

Mas, ao ultrapassar o ethos jornalístico, os repórteres de *A Liga* ainda se amparam em conceitos do jornalismo investigativo, do jornalismo público, da reportagem na TV, pois como foi possível perceber nos episódios *Milionários, Mudanças Climáticas e Prostituição*, os repórteres, roteiristas entre outros, não inventaram os dados, muito menos entrevistaram pessoas fictícias.

A todo momento, nos episódios analisados, os apresentadores compuseram o que se chama de "personagem investigativo", ou seja, uma pessoa ficcional baseada na realidade. Vimos em *Milionários*, que Rafinha "criou" um personagem preconceituoso, sem educação e sem regras de etiquetas. Ora, sabe-se que no que Jost intitula como *mundo real* existem pessoas que são assim, mas aqui há um exagero do personagem, e isso se justifica na ficção. Em *Mudanças Climáticas*, Rafinha compõe o personagem do benfeitor, aquele que vai resolver os problemas da população e aquele que briga pelas causas sociais. E em *Prostituição*, Rosanne é a prostituta que sofre preconceito, que se apresenta sensual e sedutora.

Quando há a criação desses personagens, com performances bem realizadas, por sinal, até porque temos um comediante e uma atriz no elenco do programa, vemos que há maior valorização ao *showman*, ao profissional de *standy up comedy*, do que aos

entrevistados. Como foi verificado, especialistas e fontes entram em segundo plano, e os apresentadores que tem maior destaque e notoriedade.

A Liga aparenta possuir valores objetivos jornalísticos, mas eles são remodelados, quando faz com que o público acredite que por ter multiplicidade de opinião, é jornalismo; que por trazer problemas sociais, é jornalismo cidadão; que, por trazer a ideia de respeito as fontes e suas dores, é interesse público; que por trazer um "personagem investigativo", a reportagem é investigativa. Contudo, a atração pode ser resumida em hibridismo narrativo televisual, onde os apresentadores buscam o glamour e ser uma celebridade; onde a cada terça-feira é um show televisual diferente; onde o espaço real é confundido, e muitas vezes substituído pelo mundo ficcional e lúdico; onde a preocupação é a audiência e entretenimento do público; e onde o objetivo é provocar sorrisos do público e admiração pelos apresentadores que fizeram nada mais, nada menos, que um jogo teatral.

Referências

A LIGA. Disponível em: <http://www.band.com.br/aliga/>. Acesso em: 21 out. 2010.

ARTES VISUAIS, Enciclopédia Itaú Cultural. **Performance-** Definição. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3646>. Acesso em: 18 jul. 2013.

BARDIM, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Editora 70, 2011.

CÂMERA RECORD. **.** Disponível em: <http://www.rederecord.com.br/programas/camerarecord/>. Acesso em: 21 out. 2010.

COMUNIQUE-SE. Anderson Scardoelli. **Rafinha Bastos pensava que dividiria a bancada do CQC com Datena e Márcia Goldschmidt.** Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D58502%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D255216%26fnt%3Dfntnl&rss=on>. Acesso em: 17 maio 2011.

CONEXÃO REPÓRTER. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/conexaoreporter/>. Acesso em: 21 out. 2010.

EPISÓDIOS, A Liga. **Episódios da primeira temporada**. Disponível em: < http://aliga.band.uol.com.br/episodios.asp>. Acesso em: 10 jun. 2013.

FIQUE DE OLHO. **A Liga mostra a realidade dos milionários.** Disponível em: <http://www.band.com.br/fiquedeolho/conteudo.asp?ID=100000362902>. Acesso em: 17 maio 2011.

FOLHA ILUSTRADA. Gustavo Villas Boas. **Em "A Liga", Rafinha Bastos vira morador de rua por 2 dias em SP**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u729827.shtml>. Acesso em: 21 out. 2010.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GLOBO REPÓRTER. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/>. Acesso em: 21 out. 2010.

GONÇALVES, Elisabet. A reportagem na Televisão. **Forum Media 6**. Rio de Janeiro, p.1-1, 10 nov. 2002. Mensal. Disponível em: <http://www.ipv.pt/forumedia/4/17.htm>. Acesso em: 21 out. 2010.

HISTÓRIA, Globo Repórter. **Conheça a história do Globo Repórter**. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/04/conheca-historia-do-globo-reporter.html>. Acesso em: 10 jun. 2013.

JOST, François. **Seis lições sobre TV**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

KUNCIZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo:** Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2001.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo:** O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2ª São Paulo: Geração Editorial, 2005.

LAGE, NILSON. **A reportagem:** teoria e técnica da entrevista. São Paulo: Record, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús et al. Introdução. In: RINCÓN, Omar. **Televisão pública:** do consumidor ao cidadão. Equador: Friedrich-ebert- Stiftung, 2002. p. 43-79.

NA TELINHA. **"A Liga" deve ganhar segunda temporada na Band**. Disponível em: <http://natelinha.uol.com.br/2010/06/22/not_32026.php>. Acesso em: 21 out. 2010.

O PROGRAMA, Camera Record. **O programa**. Disponível em: <http://www.rederecord.com.br/programas/camerarecord/interna.asp?m=1>. Acesso em: 10 jun. 2013.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2006.

PROFISSÃO REPÓRTER. Disponível em: < http://g1.globo.com/profissao-reporter/>. Acesso em: 21 out. 2010.

R7. Miguel Arcanjo Prado. **Rafinha Bastos diz que A Liga não copia Profissão Repórter:** Jornalista fala do bom ibope do programa e confirma, a contragosto, que será pai. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/rafinha-bastos-diz-que-a-liga-nao-copia-profissao-reporter-20100514.html>. Acesso em: 17 maio 2011.

REPORTAGENS, Conexão Repórter. Pedofilia: Sexo, Intrigas e Poder. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/conexaoreporter/reportagens/reportagem.asp?id=9&t=Pedofilia:+Sexo>. Acesso em: 10 jun. 2013.

SILVA, Luiz Martins da. Imprensa e Cidadania: possibilidades e contradições. In: **Imprensa e Poder**. MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). Brasília, Editora Universidade de Brasília e São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.